



## ***O HERÓI EM TRADUÇÃO: a leitura intersemiótica da HQ na série televisiva Smallville.***

Danilo Santos e Silva<sup>1</sup>



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p690-709>

Artigo recebido em 19 de Junho e publicado em 19 de Julho de 2025

### **RESUMO**

Este artigo analisa o processo de tradução intersemiótica da narrativa em quadrinhos do Superman para a série televisiva Smallville (2001–2011). A partir de uma abordagem teórico-analítica, fundamentada em Jakobson (1959), Hutcheon (2011), Jenkins (2006) e autores contemporâneos, investiga-se como a série reinterpreta elementos narrativos, simbólicos e ideológicos presentes nas HQs. A análise revela que Smallville não apenas adapta o personagem Superman para a linguagem audiovisual, mas o ressignifica à luz de dilemas contemporâneos, como conflitos identitários, ambiguidade moral e redefinições da masculinidade. A série é compreendida como uma prática de tradução intersemiótica que opera tanto no plano estético quanto no cultural, expandindo os significados do herói na cultura pop atual.

**Palavras-chave:** Tradução Intersemiótica; Historias em Quadrinhos; Superman; Smallville; Cultura Pop; Adaptação Midiática.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências da Educação pela Christian Business School (CBS) – Florida, E.U.A. Graduado em Letras habilitação em língua inglesa pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) – Sobral/CE. Orcid: <https://orcid.org/0009-0005-9836-4287>



## THE HERO IN TRANSLATION: an intersemiotic reading of the comic book in the television show *Smallville*.

### ABSTRACT

This article analyzes the intersemiotic translation of the Superman comic book narrative into the television series *Smallville* (2001–2011). Based on a theoretical-analytical approach grounded in Jakobson (1959), Hutcheon (2011), Jenkins (2006), and contemporary scholars, it investigates how the series reinterprets narrative, symbolic, and ideological elements from the comics. The analysis reveals that *Smallville* not only adapts the character Superman to the audiovisual language, but also redefines him in light of contemporary dilemmas such as identity conflicts, moral ambiguity, and new forms of masculinity. The series is understood as an intersemiotic translation practice that operates both aesthetically and culturally, expanding the meanings of the hero in today's pop culture.

**Keywords:** Intersemiotic Translation; Comic Books; Superman; *Smallville*; Pop Culture; Media Adaptation.

Instituição afiliada – CHRISTIAN BUSINESS SCHOOL (CBS)

Autor correspondente: Danilo Santos e Silva [danilo.silva1@prof.ce.gov.br](mailto:danilo.silva1@prof.ce.gov.br)

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





## 1 INTRODUÇÃO

A tradução intersemiótica, conceito proposto por Roman Jakobson (1959), refere-se à transposição de signos de um sistema semiótico para outro, como ocorre quando uma narrativa escrita é convertida em uma linguagem audiovisual. No contexto da cultura contemporânea, marcada pela convergência midiática (Jenkins, 2006), esse tipo de tradução se tornou cada vez mais recorrente, especialmente em adaptações de histórias em quadrinhos para o campo do cinema e da televisão. Um dos exemplos mais emblemáticos dessa prática é a série estadunidense *Smallville* (2001-2011), que se propõe a recontar a juventude de Clark Kent antes de assumir plenamente sua identidade como Superman.

Diferentemente das HQs tradicionais, que apresentam Superman como um herói já consolidado, *Smallville* opta por uma abordagem dramática, centrada em conflitos identitários, dilemas éticos e relações afetivas. Essa escolha representa não apenas uma mudança de suporte, mas uma verdadeira reconfiguração simbólica do personagem. Como afirma Hutcheon (2011), “a adaptação é uma forma de reinterpretação criativa, que atualiza narrativas para novos contextos socioculturais” (p. 8). A série, ao reposicionar o herói em um universo mais realista, humano e emocional, traduz não só signos visuais, mas também valores ideológicos e culturais.

Além das transformações estéticas e narrativas, *Smallville* reflete as expectativas de uma audiência contemporânea marcada pela ambiguidade moral e pelo desejo de representações mais complexas da figura do herói. A vulnerabilidade de Clark, suas dúvidas existenciais e o adiamento de sua identidade heroica desafiam o arquétipo clássico do Superman e o ressignificam à luz das inquietações do século XXI. A tradução intersemiótica, portanto, revela-se não como mera conversão técnica, mas como um processo de reinterpretação cultural e ideológica (Barbosa, 2019; Xavier, 2020).

Este artigo tem como objetivo investigar como ocorre a tradução intersemiótica das HQs do Superman para a série *Smallville*, identificando estratégias narrativas, simbólicas e estéticas utilizadas na adaptação. Serão explorados aspectos como a reconfiguração dos personagens, a narrativa seriada, a linguagem audiovisual e as implicações ideológicas dessa transposição. Para isso, o estudo baseia-se em autores



como Jakobson (1959), Hutcheon (2011), Jenkins (2006) e outros estudiosos contemporâneos da adaptação e da cultura pop.

A relevância desta pesquisa reside em sua proposta de analisar criticamente um produto cultural popular que, longe de ser mera reprodução, representa um laboratório discursivo e semiótico de grande potência. Ao estudar *Smallville* sob a ótica da tradução intersemiótica, pretende-se contribuir para o campo dos estudos de adaptação, dos estudos culturais e da formação crítica de leitores e espectadores de narrativas midiáticas.

## 2 METODOLOGIA

Este estudo inscreve-se no campo da pesquisa qualitativa de cunho interpretativista, por compreender que as práticas de leitura, tradução e significação intersemiótica não são neutras, mas atravessadas por contextos culturais, ideológicos e midiáticos. Fundamenta-se na perspectiva da análise textual e discursiva, com base nos estudos da tradução intersemiótica (Jakobson, 2007), dos discursos midiáticos e dos gêneros multimodais, buscando compreender como a narrativa do herói é (re)construída na transposição da história em quadrinhos do Superman para a linguagem televisiva em *Smallville*.

A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se pelo interesse em aprofundar a compreensão das estratégias narrativas e semióticas utilizadas na série, especialmente em relação à reelaboração de signos icônicos da cultura pop, como o uniforme, os poderes, os dilemas morais e o contexto histórico-cultural. Assim, não se pretende mensurar dados, mas interpretar sentidos produzidos no processo de transmutação de uma mídia para outra, com foco nos mecanismos discursivos, nas escolhas estéticas e nos efeitos de sentido gerados por tais escolhas.

O corpus da pesquisa é composto por episódios selecionados das primeiras temporadas da série *Smallville* (2001–2011), com destaque para aqueles que apresentam referências explícitas ou implícitas à mitologia original do Superman nas HQs da *DC Comics*. Os episódios escolhidos foram analisados com base em critérios de recorrência simbólica, construção do *ethos* heroico e presença de elementos intertextuais visuais e verbais que remetam diretamente às histórias em quadrinhos



clássicas, sobretudo as fases de maior relevância canônica do personagem.

A análise intersemiótica foi conduzida com base nos estudos de autores relevantes sobre a semiótica da cultura e as articulações entre imagem, linguagem verbal e audiovisual. Considerou-se, ainda, a perspectiva de Linda Hutcheon (2011) sobre a adaptação como reescrita criativa e situada culturalmente, observando como a série televisiva ressignifica o herói clássico, atualizando seus conflitos à luz das juventudes contemporâneas e dos dilemas éticos do século XXI.

O método de análise consistiu em um mapeamento das cenas-chaves em que ocorrem ressignificações de símbolos clássicos das HQs, como o uso das cores vermelho e azul, o "S" estilizado, a kryptonita como metáfora do trauma e o próprio nome "Clark Kent" como signo do deslocamento identitário. Essas cenas foram transcritas, descritas e comparadas com trechos das HQs, a fim de evidenciar os processos de transformação semiótica e discursiva. Tal comparação permitiu observar as estratégias de apropriação, silenciamento ou ampliação de sentidos na construção da figura heroica na série televisiva.

Por fim, a pesquisa adota um enfoque interdisciplinar, articulando conhecimentos da semiótica, dos estudos da tradução, da teoria da adaptação e da análise do discurso. Esse entrelaçamento teórico-metodológico visa possibilitar uma leitura crítica e sensível da transposição midiática do herói, considerando não apenas aspectos estéticos, mas também éticos, socioculturais e discursivos implicados na reconfiguração da narrativa mítica do Superman em *Smallville*.

### **3 TRADUÇÃO INTERSEMIÓTICA: CONCEITOS E PERSPECTIVAS TEÓRICAS.**

O conceito de tradução intersemiótica foi proposto por Roman Jakobson em seu texto clássico de 1959, no qual o autor estabelece três tipos de tradução: intralingual (dentro da mesma língua), interlingual (entre línguas diferentes) e intersemiótica (entre diferentes sistemas de signos). Jakobson (1959, p. 233) define a tradução intersemiótica como “a interpretação de signos verbais por meio de sistemas de signos não verbais”. Essa definição tornou-se ponto de partida para os estudos de adaptação entre mídias, como a transposição de histórias em quadrinhos para séries de televisão.



Com o avanço das mídias audiovisuais e digitais ao longo das últimas décadas, a tradução intersemiótica ganhou novas abordagens, que reconhecem a complexidade dos processos de adaptação. Hutcheon (2011) contribui significativamente para esse campo ao defender que adaptar uma obra é um ato criativo que envolve escolhas culturais, linguísticas e narrativas. Segundo a autora, “as adaptações são, ao mesmo tempo, formas de repetição e reinvenção” (Hutcheon, 2011, p. 8), ou seja, elas não apenas traduzem, mas também recriam significados em novos contextos e linguagens.

A série da Warner Channel, *Smallville* ilustra esse processo de reinvenção ao adaptar o universo de Superman, originado nos quadrinhos da DC Comics, para a linguagem seriada televisiva do início dos anos 2000. Essa transposição envolve mais do que a troca de um suporte por outro: ela representa uma reelaboração estética, simbólica e ideológica. Como argumenta Stam (2006), a tradução intersemiótica demanda um processo interpretativo, no qual os produtores audiovisuais selecionam quais signos serão mantidos, transformados ou omitidos conforme as necessidades do novo meio.

Nos estudos contemporâneos, a tradução intersemiótica é vista como uma prática social e cultural, que reflete ideologias, valores e expectativas de públicos específicos. Barbosa (2019), por exemplo, ao estudar adaptações de HQs para a linguagem audiovisual, argumenta que “a intersemiose exige uma sensibilidade tradutória que considere a multimodalidade como condição essencial da linguagem contemporânea” (p. 44). Em outras palavras, a adaptação de uma HQ não pode ser compreendida apenas como tradução de imagens e palavras, mas como uma reconstrução narrativa em múltiplas camadas simbólicas.

Os autores Lacerda e Souza (2021) também abordam essa perspectiva ao analisar filmes e séries derivados de quadrinhos. Para as autoras, “traduzir intersemioticamente implica negociar fidelidade, inovação e o horizonte de expectativas do público-alvo” (p. 57). Essas negociações são especialmente visíveis em *Smallville*, que reimagina Clark Kent não como um herói formado, mas como um adolescente em processo de autodescoberta, com conflitos internos, dilemas morais e desafios sociais típicos de sua faixa etária.

Um aspecto importante nas adaptações intersemióticas é a questão da fidelidade ao texto-fonte. Tradicionalmente, muito se discutiu se uma adaptação era



“fiel” ou não à obra original, mas teóricos como Venuti (2012) e Hutcheon (2011) argumentam que esse critério é bastante limitado. Hutcheon (2011) ressalta que “a adaptação é uma forma de apropriação que necessariamente transforma a fonte, pois está inserida em outro tempo, espaço e linguagem” (p. 10). Assim, o foco passa a ser a análise das escolhas tradutórias e seus efeitos de sentido, não mais a busca por equivalência absoluta.

Autores mais recentes, como Xavier (2020) e Oliveira (2023), ampliam essa visão ao associar a tradução intersemiótica ao fenômeno das narrativas transmidiáticas. Xavier (2020, p. 103) destaca que “séries como *Smallville* operam numa lógica transmidiática, em que signos e personagens se desdobram em diferentes mídias, expandindo suas histórias e multiplicando sentidos”. A adaptação, nesse caso, não é apenas uma “versão” da história em quadrinhos, mas uma nova faceta de uma rede narrativa maior.

Dessa forma, é possível afirmar que a tradução intersemiótica é uma prática discursiva situada, que envolve múltiplas decisões de natureza estética, técnica e ideológica. Compreendê-la a partir de *Smallville* nos permite examinar como uma narrativa icônica dos quadrinhos é reconfigurada para um novo meio, dialogando com os códigos da série televisiva, com as demandas do público jovem e com os discursos culturais do início do século XXI.

#### **4 AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO TEXTO MULTIMODAL: SUPERMAN E SUA SIMBOLOGIA.**

As histórias em quadrinhos (HQs) são, por natureza, textos multimodais que combinam linguagem verbal, visual e espacial em uma narrativa articulada por meio de balões, quadros, cores e diagramação. Segundo McCloud (1995), os quadrinhos funcionam como uma “forma híbrida de linguagem, onde palavras e imagens compartilham a responsabilidade narrativa” (p. 32). Essa articulação entre modos semióticos distintos possibilita uma leitura que não é apenas linear, mas também sensorial e estética, envolvendo interpretação simultânea de texto e imagem.

No caso das HQs do Superman, essa multimodalidade é essencial para a construção da imagem do herói. Desde sua criação em 1938 por Jerry Siegel e Joe



Shuster, Superman foi pensado como uma figura que unia traços visuais icônicos como a capa vermelha, o símbolo no peito, o voo, e valores morais expressos por meio de suas falas e ações. Como observa Lopes (2021), “a imagem do Superman, antes mesmo de qualquer diálogo, já comunica valores de força, justiça e esperança” (p. 45). Essa característica torna o personagem um símbolo visualmente reconhecível e semioticamente potente.

Além da representação visual, o conteúdo verbal nas HQs também desempenha um papel significativo na construção da narrativa heroica. Balões de fala, narrações e onomatopéias constroem o ritmo da leitura e atribuem dinamismo às cenas. Kress e Van Leeuwen (2006) destacam que, em textos multimodais como os quadrinhos, “cada modo carrega uma parte da mensagem, mas nenhum deles sozinho é suficiente” (p. 18). Assim, a interação entre imagem e palavra é inseparável da experiência narrativa, algo que desafia diretamente os processos de tradução intersemiótica para mídias como a televisão.

A personagem Superman também encarna um conjunto de arquétipos que atravessam culturas e gerações. Segundo Campbell (2004), o herói mítico segue uma jornada composta por fases como o chamado à aventura, o enfrentamento do desconhecido e o retorno com sabedoria. Superman, enquanto figura mítica moderna, segue essa estrutura ao sair de Krypton, enfrentar ameaças na Terra e assumir o papel de salvador. Como afirma Eco (2004), “o Superman das HQs representa a atualização do herói clássico para a cultura de massa” (p. 133), sendo simultaneamente um símbolo de poder e uma metáfora para a responsabilidade.

Outro aspecto fundamental é o contexto histórico em que as HQs de Superman surgiram. Criado em meio à Grande Depressão e antes da Segunda Guerra Mundial, o personagem refletia o desejo por justiça, segurança e esperança da população estadunidense. Ferreira (2019) argumenta que “a iconografia de Superman carrega o peso ideológico do nacionalismo estadunidense, ainda que se apresente sob uma roupagem universal” (p. 89). O escudo no peito, com a letra “S”, tornou-se um símbolo não apenas de um herói fictício, mas de uma ideologia centrada na noção de “bem absoluto”.

A multimodalidade das HQs do Superman, portanto, vai além da combinação de texto e imagem: ela se inscreve em um sistema simbólico e cultural. Conforme afirma



Ramos (2022), “os quadrinhos funcionam como artefatos culturais que condensam discursos sociais, políticos e afetivos em formas gráficas e narrativas” (p. 21). Essa natureza híbrida e simbólica das HQs exige que qualquer adaptação, como a feita por *Smallville*, leve em consideração não apenas a história, mas os códigos visuais, os valores morais e a carga cultural embutida no personagem.

Ademais, é importante ressaltar que a experiência de leitura das HQs é diferente da experiência televisiva. Nos quadrinhos, o leitor controla o ritmo da leitura, o tempo de observação das imagens e o retorno a quadros anteriores. Já na televisão, o fluxo é linear e imposto pela montagem audiovisual. Essa diferença, como aponta Mendes (2020), “exige uma ressignificação dos elementos simbólicos das HQs para que se ajustem à lógica temporal e dramática da narrativa seriada” (p. 76).

Portanto, compreender o Superman como personagem nas HQs é fundamental para analisar sua transposição para *Smallville*. A série não apenas adapta eventos e personagens, mas reconfigura símbolos, diálogos e atmosferas. A simbologia do herói, sua relação com o bem e o mal, suas dúvidas existenciais e sua jornada de autoconhecimento precisam ser retrabalhadas para o novo meio, preservando ou reinventando as camadas de sentido que a HQ original construiu ao longo das décadas.

## 5 *SMALLVILLE* COMO ADAPTAÇÃO: ESTRATÉGIAS DE TRANSPOSIÇÃO.

A série *Smallville* (2001–2011), criada por Alfred Gough e Miles Millar, propõe-se como uma reinterpretação da adolescência e juventude de Clark Kent antes de assumir plenamente sua identidade como Superman. Nesse processo, a série realiza uma complexa tradução intersemiótica, em que elementos narrativos e visuais das HQs do Superman são transpostos para a linguagem televisiva serializada, exigindo adaptações estruturais, estéticas e ideológicas. A proposta da série não é apenas contar a origem do herói, mas construir um novo mito em sintonia com os valores e códigos narrativos do século XXI.

Uma das estratégias mais marcantes dessa adaptação é a mudança do foco narrativo. Enquanto as HQs geralmente apresentam Clark Kent como Superman já formado, em *Smallville*, a narrativa é centrada em sua adolescência e nos conflitos



típicos da juventude. Como afirmam Gough e Millar (apud Ruby, 2010, p. 22), “a intenção era humanizar o herói, mostrando suas fragilidades, dúvidas e medos, sem o uniforme nem a capa”. Essa abordagem aproxima o personagem do público jovem, que se vê refletido nos dilemas enfrentados por Clark.

A ambientação da série também passa por transformações significativas. *Smallville* (traduzido ironicamente como Pequenópolis, na versão dublada), a cidade natal do herói, deixa de ser apenas um cenário de apoio e torna-se o centro dramático da narrativa. A cidade funciona como microcosmo dos conflitos éticos e sociais que moldarão Clark. Segundo Cardoso (2021), “o espaço diegético da série se transforma em arena simbólica onde se travam batalhas internas e externas, refletindo o amadurecimento gradual do protagonista” (p. 66). Essa reconfiguração espacial é uma estratégia que atualiza a narrativa heroica para além dos grandes centros urbanos das HQs.

Outro ponto relevante é a reinterpretação dos personagens clássicos. Lex Luthor (interpretado por Michael Rosenbaum) por exemplo, surge como amigo de Clark (interpretado por Tom Welling) nas primeiras temporadas, antes de se tornar seu arqui-inimigo. Essa ambiguidade moral é um recurso narrativo que enriquece a complexidade da adaptação. De acordo com Mendes (2020), “ao desconstruir a oposição binária entre herói e vilão, a série questiona as fronteiras morais estabelecidas nos quadrinhos” (p. 81). Tal abordagem é coerente com a tendência contemporânea de retratar personagens com motivações humanas e contraditórias.

A estética audiovisual também desempenha papel central na adaptação. Os efeitos especiais, a trilha sonora e a fotografia são cuidadosamente utilizadas para representar os poderes de Clark e os conflitos sobrenaturais. No entanto, esses elementos são equilibrados com cenas intimistas e diálogos introspectivos. A linguagem visual da série, portanto, combina o espetáculo da fantasia com a estética do drama adolescente. Essa mistura é uma marca da tradução intersemiótica, pois permite que signos icônicos das HQs, como o voo ou a visão de calor, sejam reencenados dentro de um novo registro de linguagem.

Além disso, a narrativa de *Smallville* incorpora elementos da cultura pop contemporânea. Referências musicais, tecnologias, discursos midiáticos e problemas sociais são inseridos na trama como forma de contextualização cultural. Jenkins (2006)



destaca que, em adaptações transmidiáticas, “cada nova versão de uma narrativa contribui para a expansão e reinterpretação de seu universo ficcional” (p. 96). Assim, A série *Smallville* não apenas adapta o universo de Superman, mas contribui ativamente para sua ampliação simbólica.

A série também adota uma estratégia de adiamento da identidade heroica, algo incomum nas HQs. Durante boa parte das dez temporadas, Clark evita usar o nome “Superman” ou vestir o uniforme clássico. Esse adiamento gera expectativa no espectador e permite que a narrativa explore, com mais profundidade, os aspectos subjetivos da personagem. Como afirma Hutcheon (2011), “as adaptações podem subverter a estrutura original para produzir novas formas de engajamento” (p. 55). Nesse caso, o herói só se torna símbolo depois de se tornar humano.

É importante destacar que, apesar das alterações, a série mantém elementos simbólicos reconhecíveis, como o meteorito de kryptonita, o conflito com o pai, e o sentimento de alteridade. Esses elementos funcionam como âncoras da fidelidade intersemiótica, garantindo continuidade com a obra original. Oliveira (2023) observa que “a adaptação eficaz combina inovação com reconhecimento, permitindo que antigos e novos públicos se identifiquem com a narrativa” (p. 47). *Smallville* equilibra essa tensão ao modernizar a forma sem romper com a essência do mito.

Outra estratégia é o desenvolvimento longitudinal dos personagens, algo possível graças ao formato de série. Diferentemente das HQs episódicas, a televisão seriada permite explorar arcos narrativos complexos e transformações graduais. Clark Kent passa de adolescente inseguro a figura messiânica ao longo das temporadas, em um arco que simula o Bildungsroman (romance de formação). Segundo Xavier (2020), “a construção do herói em *Smallville* segue uma lógica narrativa progressiva, mais próxima da ficção literária do que da estrutura cíclica das HQs” (p. 101).

Por fim, cabe mencionar que a adaptação de *Smallville* não busca apenas atualizar o Superman, mas redefinir o que significa ser herói em um mundo contemporâneo. A série introduz dilemas morais, temas como responsabilidade afetiva, identidade secreta e escolha do bem comum. Em tempos de complexidade ética, o herói é convidado a ser mais do que símbolo: é convocado a ser humano. Essa é talvez a maior estratégia de tradução intersemiótica operada pela série: não transpor um personagem, mas reinterpretar um arquétipo à luz de novas perspectivas.



## 6 COMPARAÇÕES INTERSEMIÓTICAS: DO PAPEL À TELA.

A transposição do universo de Superman dos quadrinhos para a televisão, como ocorre em *Smallville*, não se limita à alteração de códigos linguísticos, do verbal/visual estático das HQs para o audiovisual dinâmico da TV. Trata-se de uma operação semiótica profunda, em que os signos originais são reinterpretados, condensados ou expandidos a fim de se adequarem a um novo meio e a uma nova audiência. A análise comparativa entre as mídias permite evidenciar tanto os elementos preservados quanto aqueles que foram transformados de maneira estratégica.

Um dos exemplos mais emblemáticos dessa transposição é o símbolo do “S” no peito do herói. Nos quadrinhos, o escudo aparece desde os primeiros momentos, sendo parte indissociável da identidade do Superman. Em *Smallville*, esse símbolo é gradualmente introduzido, com significados renovados. Em um dos episódios-chave da quarta temporada, Clark encontra uma caverna kryptoniana onde o símbolo “S” aparece como parte de uma profecia alienígena. A série cria, assim, uma origem mística para o emblema, conferindo-lhe densidade simbólica: *“The symbol isn’t just a letter, Clark. It’s a mark of destiny... It belongs to you”* (*Smallville*, Temporada 4, episódio 1).

Essa mudança de contexto do símbolo traduz uma estratégia clara de reinterpretação: o que antes era um emblema estético nos quadrinhos torna-se, na série, um signo de herança e identidade ancestral. Como argumenta Oliveira (2023, p. 52), “a tradução intersemiótica não é apenas reescritura formal, mas reatribuição de sentidos em novos horizontes de expectativa”. Nesse sentido, a adaptação transforma signos visuais em metáforas narrativas.

Outra comparação reveladora está na origem do conflito entre Clark Kent e Lex Luthor. Nos quadrinhos, a rivalidade entre os dois personagens é praticamente instantânea, com Lex representando o vilão capitalista e manipulador desde o início. Em *Smallville*, porém, Lex é introduzido como amigo de Clark, numa relação marcada por afeto, ambiguidade e ruptura gradual. Em uma fala emblemática, Lex afirma:

*“I don’t want to be your enemy, Clark. But I can’t keep chasing someone who doesn’t*



*trust me. Maybe we're just destined to be on opposite sides*" - Não quero ser teu inimigo, Clark. Mas não posso continuar apoiando alguém que não confia em mim. Talvez estejamos destinados a estar em lados opostos. (*Smallville*, temporada 5, episódio 12).

Essa fala mostra como a série explora a construção da oposição simbólica entre herói e vilão de forma processual, afetiva e trágica. Lopes (2021, p. 119) observa que “a série dramatiza o afastamento entre Clark e Lex como uma metáfora para os dilemas éticos da juventude: a amizade que se rompe por escolhas opostas de vida”. O dualismo simplificado das HQs é expandido em uma trajetória emocional complexa.

Além dos personagens, os próprios eventos narrativos são reorganizados. Nas HQs, a destruição de Krypton e o envio de Kal-El à Terra ocorrem nas primeiras páginas, como ponto de partida da mitologia. Em *Smallville*, essa origem é diluída em *flashbacks*, pistas e revelações graduais. Essa estratégia seriada cria suspense e favorece o engajamento episódico. Conforme destaca Hutcheon (2011, p. 45), “a serialização permite que a adaptação distribua a narrativa original ao longo do tempo, criando uma nova temporalidade para velhos eventos”.

Do ponto de vista estético, as HQs apresentam um Clark Kent visualmente idealizado: corpo atlético, mandíbula firme, olhar confiante. Em *Smallville*, o ator Tom Welling representa uma versão mais naturalizada e vulnerável do personagem. Essa mudança visual é significativa, pois, segundo Ramos (2022, p. 30), “a encenação do corpo do herói na televisão recusa o corpo de poder absoluto das HQs e propõe um corpo de transição, ainda em formação”. A corporeidade do personagem torna-se, assim, um marcador de sua trajetória inacabada.

No plano temático, *Smallville* incorpora questões ausentes ou marginalizadas nas HQs clássicas, como conflitos familiares mais aprofundados, dilemas éticos subjetivos e angústias identitárias. Em um momento emblemático da série, Clark confronta seus pais sobre sua origem alienígena:

*“You lied to me my whole life. How am I supposed to believe anything now?”* – Você mentiu pra mim toda a minha vida. Como é que é suposto eu acreditar em alguma coisa agora (*Smallville*, Temporada 2, Episódio 15).



Esse tipo de diálogo revela o foco da série na interioridade do herói, aspecto pouco explorado nas HQs mais tradicionais. Também se observa a presença de novos personagens e tramas originais na série, que não existem nos quadrinhos. Lana Lang, por exemplo, ganha destaque como par romântico principal nas primeiras temporadas, assumindo um papel que nos quadrinhos é secundário em relação a Lois Lane. Essa mudança permite à série construir novos eixos dramáticos, como o triângulo amoroso entre Clark, Lana e Lex, algo inexistente no cânone original. Como aponta Xavier (2020, p. 108), “as adaptações transmidiáticas reconfiguram hierarquias narrativas para gerar interesse e identificação com novos públicos”.

Apesar de tantas mudanças, *Smallville* mantém certos núcleos de sentido fundamentais. A ideia de que Clark Kent representa valores como esperança, justiça e empatia está presente em toda a série, mesmo que manifestada por meios diferentes. Em uma fala recorrente, Jonathan Kent aconselha o filho:

*“You were sent here for a reason, and it wasn’t to score touchdowns”* - Você foi enviado para cá por um motivo, e não foi para marcar touchdowns . (*Smallville*, Temporada 1, Episódio1).

Essa fala resgata o arquétipo do herói com missão, conectando a adaptação à tradição épica das HQs e da cultura ocidental. Portanto, a análise comparativa entre as HQs e *Smallville* revela que a tradução intersemiótica operada pela série não se limita à mudança de suporte. Trata-se de uma resignificação narrativa e simbólica, na qual os elementos do universo Superman são reorganizados segundo os códigos do audiovisual, as expectativas do público contemporâneo e as potencialidades do formato seriado. O resultado é uma adaptação que não apenas reproduz a HQ, mas a reinventa como novo mito cultural.

## **7 AS IMPLICAÇÕES CULTURAIS E IDEOLÓGICAS NA REPRESENTAÇÃO DO HERÓI.**

A figura do herói sempre esteve atrelada aos valores dominantes de sua época. Nas HQs clássicas, o Superman foi projetado como um símbolo do ideal estadunidense: força, justiça, patriotismo e moral inabalável. No entanto, a adaptação televisiva em



*Smallville* desloca essas características para um contexto mais introspectivo e ambíguo, revelando mudanças significativas na representação ideológica do herói. A série reflete uma sociedade em transição, marcada por incertezas éticas, conflitos identitários e desconfiança em relação a instituições tradicionais.

Enquanto nas HQs Superman é quase sempre retratado como infalível, em *Smallville* Clark Kent é vulnerável, hesitante e muitas vezes falha. Essa reformulação não é acidental: ela reflete o espírito de uma geração pós-11 de setembro, mais crítica em relação a noções absolutas de bem e mal. Como afirma Zizek (2008, p. 12), “o herói contemporâneo é aquele que duvida, que sofre, que falha, pois a própria ideologia da perfeição está em crise”. *Smallville* encarna essa crise ao mostrar um herói em constante construção.

Essa vulnerabilidade é também um reflexo do deslocamento do foco da ação para a interioridade. A série privilegia os conflitos emocionais e familiares, em detrimento das batalhas épicas. Em várias cenas, o embate não se dá contra vilões, mas contra decisões morais difíceis. Em um episódio, Clark diz:

*“Every time I try to do the right thing, people get hurt. Maybe I'm not supposed to be a hero”* - Toda vez que tento fazer a coisa certa, as pessoas se machucam. Talvez eu não deva ser um herói. (*Smallville*, Temporada 4, episódio 3).

Essa dúvida existencial aponta para uma ideologia mais humanista e menos maniqueísta. Além disso, *Smallville* reposiciona o herói em relação à autoridade. Diferente das HQs, em que Superman coopera com o governo ou atua como força moral externa, na série Clark Kent frequentemente entra em conflito com instituições como o próprio governo, a mídia e até mesmo a justiça. Esse antagonismo representa uma crítica velada à institucionalização do poder dos Estados Unidos. Como observa Hall (1997, p. 35), “a cultura popular é um campo de disputa simbólica, onde o sentido dos signos é constantemente renegociado”. O herói em *Smallville* não é um agente do sistema, mas uma figura crítica em relação a ele.

Outro aspecto ideológico relevante é a construção da masculinidade. O Superman clássico representava a masculinidade hegemônica: invulnerável, racional, sempre no controle. Em *Smallville*, essa imagem é desconstruída. Clark chora, sofre por



amor, hesita diante de decisões difíceis. Como aponta Connell (2014), “a masculinidade contemporânea é marcada por tensões entre vulnerabilidade e expectativa de força” (p. 54). A série incorpora essas tensões, tornando Clark um modelo alternativo de masculinidade.

Essa representação também dialoga com questões de origem e pertencimento. Clark é constantemente confrontado com o fato de ser um alienígena em um mundo humano. Essa metáfora da alteridade pode ser interpretada à luz de debates sobre migração, orientação sexual, identidade cultural e exclusão. Em uma cena marcante, ele afirma:

*“How can I protect a world that would never accept me for what I really am?”* - Como posso proteger um mundo que nunca me aceitaria como eu realmente sou? (*Smallville*, Temporada 5, episódio 7).

Esse tipo de dilema revela uma dimensão ideológica que transcende o entretenimento, inserindo o herói em discussões sociopolíticas relevantes. A relação de Clark com o pai biológico, Jor-El, também carrega implicações ideológicas. Jor-El, representado como uma consciência alienígena autoritária, frequentemente impõe ordens e expectativas rígidas sobre o filho. Clark, por sua vez, resiste a esse determinismo e tenta construir sua própria identidade. Essa tensão entre destino e escolha ecoa o debate entre essencialismo e construtivismo. Segundo Bauman (2001, p. 39), “a modernidade líquida exige sujeitos capazes de se reinventar continuamente, e não apenas cumprir papéis herdados”.

A série ainda toca em questões de responsabilidade social e vigilância. Ao longo das temporadas, Clark se questiona sobre os limites de sua intervenção no mundo: salvar uma pessoa pode significar a morte de outra, interferir em um destino pode causar consequências imprevisíveis. Essa visão complexa da ética heroica se contrapõe à simplicidade moral dos quadrinhos clássicos. Como argumenta Barbosa (2019, p. 50), “a adaptação televisiva traz à tona os dilemas morais próprios da contemporaneidade, em que toda ação carrega ambivalência”.

Do ponto de vista cultural, *Smallville* também contribui para a globalização contemporânea do mito. Embora mantenha o cenário rural e valores típicos do interior



dos Estados Unidos, a série é permeada por valores globalizados: o consumo de tecnologia, o individualismo, o multiculturalismo implícito nas ameaças extraterrestres. Jenkins (2006, p. 91) ressalta que “as narrativas transmídia globalizam mitos locais ao adaptá-los aos circuitos do consumo cultural planetário”. *Smallville*, nesse sentido, projeta o herói americano para um público global, adaptando seus códigos culturais à linguagem internacional da televisão.

Em síntese, as implicações ideológicas da representação do herói em *Smallville* apontam para um deslocamento significativo dos paradigmas clássicos da heroicidade. A série articula elementos da cultura pop, da filosofia moral contemporânea e dos estudos da subjetividade para reconstruir o Superman como figura dialógica, fragmentada e crítica. Trata-se de um novo arquétipo, mais próximo do espectador moderno e de suas próprias angústias existenciais.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo deste artigo demonstrou que a série *Smallville* constitui um exemplo robusto de tradução intersemiótica, ao adaptar o universo das HQs do Superman para a linguagem e estética da televisão seriada. Esse processo de adaptação não se limita à transposição técnica entre mídias, mas implica em uma complexa reinterpretação simbólica, narrativa e ideológica. A figura do herói, antes apresentada como ideal estático nas HQs clássicas, é ressignificada em *Smallville* como um sujeito em formação, vulnerável e eticamente desafiado.

Ao investigar as estratégias de transposição presentes na série, foi possível identificar diversos recursos narrativos, como o adiamento da identidade heroica, a reconstrução das relações entre personagens, e o uso de símbolos tradicionais com novos sentidos. O símbolo do “S”, a kryptonita, o conflito com Lex Luthor e a tensão entre humanidade e origem alienígena são apenas alguns dos elementos que ganham releitura no formato televisivo, demonstrando que a fidelidade à obra original cede espaço à criatividade e à adequação ao novo meio.

Além das estratégias narrativas e estéticas, a pesquisa também evidenciou como *Smallville* atualiza a representação do herói em consonância com os valores e dilemas da contemporaneidade. A masculinidade sensível, os conflitos com instituições



de poder, a luta por aceitação e o questionamento do próprio destino revelam um Clark Kent muito mais próximo do espectador comum do que o Superman idealizado das HQs. Essa mudança reflete o deslocamento dos paradigmas heroicos na cultura pop e reforça a ideia de que o mito do herói é sempre um espelho do seu tempo.

A abordagem intersemiótica aqui adotada, ancorada em Jakobson (1959), Hutcheon (2011), Jenkins (2006), Barbosa (2019), Xavier (2020), entre outros, revelou-se eficaz para compreender a complexidade das adaptações midiáticas. Por meio dela, foi possível perceber que adaptar não é apenas reproduzir, mas também reinventar. Nesse sentido, *Smallville* não apenas adapta o Superman: ela o reinscreve em um novo tempo, moldado por outras linguagens, estéticas e expectativas culturais.

Este estudo, embora restrito à comparação entre HQs e televisão, pode ser ampliado para análises de outras adaptações intersemióticas do universo Superman, como filmes, animações e jogos digitais. Também seria produtivo investigar a recepção do público e o papel dos fãs na construção e legitimação dessas novas versões do herói. Outro possível desdobramento seria explorar o uso pedagógico dessas adaptações no ensino de língua inglesa e leitura crítica de mídia, especialmente no contexto da formação de professores.

Em conclusão, *Smallville* não é apenas uma série de entretenimento. Ela constitui um laboratório narrativo, semiótico e ideológico em que a figura do herói é desconstruída e reconstruída à luz das inquietações do presente. Por meio da tradução intersemiótica, a série reafirma a potência da cultura pop como campo de produção de sentidos, tensionando fronteiras entre original e adaptação, entre texto e imagem, entre mito e contemporaneidade.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, L. A. C. *Aprendendo história através das HQs*. In: ANPUH – Associação Nacional de História. Anais do XXIX Simpósio Nacional de História. Brasília: ANPUH, 2019. Disponível em: [https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206368\\_c8a044e2425762412f45eaa621ea6c5a.pdf](https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548206368_c8a044e2425762412f45eaa621ea6c5a.pdf). Acesso em: 20 abr. 2025.



HUTCHEON, L. *A Theory of Adaptation*. 2. ed. New York: Routledge, 2013. Disponível em: <https://www.routledge.com/A-Theory-of-Adaptation/Hutcheon/p/book/9780415539388>. Acesso em: 20 abr. 2025.

JAKOBSON, R. *On Linguistic Aspects of Translation*. In: BROWER, R. A. (Ed.). *On Translation*. Cambridge: Harvard University Press, 1959. p. 232–239. Disponível em: <https://web.stanford.edu/~eckert/PDF/jakobson.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2025.

JENKINS, H. *Convergence Culture: Where Old and New Media Collide*. New York: New York University Press, 2006. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctt9qffwr>. Acesso em: 20 abr. 2025.

LOPES, D. F. *Quadrinhos, cultura e sociedade: contribuições das histórias em quadrinhos para a formação do leitor literário*. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Campinas, v. 17, n. 1, p. e020004, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdbci/a/qYfhWmSQDMjS5Hc8cqL5zvH/>. Acesso em: 20 abr. 2025.

MENDES, A. C. *Adaptação e intermedialidade em Filhos da Esperança: considerações sobre a narrativa transmidiática*. *Revista Diálogos*, Cuiabá, v. 2, n. 10, p. 194–212, 2022. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/13858>. Acesso em: 20 abr. 2025.

XAVIER, R. *Revisitando a adaptação por meio da franquia transmidiática*. 2020. 256 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ECAP-A8JFED>. Acesso em: 20 abr. 2025.